

“Ser quadrilheiro”: subjetividade e cultura afetiva no âmbito das quadrilhas juninas competitivas do interior cearense

Thiago Silva de Castro

 Universidade Federal do Ceará, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0652-8589>

thiagonoda@hotmail.com

Introdução

As discussões desenvolvidas no presente artigo são desdobramentos de uma longa relação de pesquisa que possuo com o universo das quadrilhas juninas no interior do Ceará, mais especificamente na cidade de Sobral, localizada a aproximadamente 240 km de Fortaleza, capital do estado. Mas, para além desse aspecto, devo dizer que as reflexões contidas neste texto são parte de um esforço metodológico de análise socioantropológica sobre minha própria experiência dentro desse contexto, em articulação direta com a de outros participantes do meio social enfocado.

Sempre que escrevo sobre esse tema não tenho como me furtar de explicar um pouco acerca da minha relação com esse universo, do qual participo desde a infância, em uma relação que foi se fortalecendo até que eu pudesse transformar as

quadrilhas juninas de minha cidade em objeto de estudo, fato que iniciou na graduação, entrou pelo mestrado e desembocou no doutorado.

A quadrilha junina consiste em uma dança típica da cultura popular brasileira, muito ligada ao período das festas juninas, que são comemoradas em praticamente todo território nacional, mas com uma grande ênfase na região Nordeste do país. Como é sabido, os festejos juninos no Brasil são marcados por uma forte referência ao mundo campesino, com a mobilização de símbolos supostamente ligados ao universo do homem do campo, que se manifestariam em um determinado tipo de vestimenta, linguajar, comidas típicas e danças, dentre as quais a quadrilha seria a mais emblemática. De acordo com Luciana Chianca (2006), as festas juninas tal como conhecemos hoje, representariam uma construção cujo efeito seria a reafirmação de uma sociedade urbanizada, que buscaria representar elementos de uma ruralidade caricatural que simbolizaria uma realidade relegada ao passado do país. Dessa lógica surgiria, segundo a autora, o modelo imagético do “matuto” ou “caipira”, cuja expressão tem como efeito o estabelecimento de uma distância simbólica entre o citadino e o homem rural, com seu universo de vida, não raras vezes considerado atrasado em relação à vida nos centros urbanos.

Dentro do contexto festivo ao qual nos referimos, a quadrilha se origina mobilizando todos os signos apontados anteriormente, sendo considerada uma manifestação tradicional do período junino, usando e abusando dos modelos de ruralidade moldados por tal concepção, porém, aplicados a movimentos dançados. Sua história, entretanto, nem sempre se ligou à referida conotação popular e se remete a espaços bem diferentes desse contexto. Conforme autores como Câmara Cascudo (2001) e Menezes Neto (2009), a quadrilha tem sua origem nos bailes da nobreza europeia, tendo sido muito popular em tais ciclos no século XIX e provavelmente chegou ao Brasil junto com a coroa portuguesa. Algumas de suas principais características seriam sua disposição em pares (casais), a estruturação do baile na forma de um quadrado e os passos comandados por uma espécie de mestre de cerimônias (marcador). Com o desuso da dança pelos grupos mais abastados, conforme os autores, ela passa a ser paulatinamente apropriada pelas classes populares, ganhando outros contornos, significados e comandos, dando assim origem à representação que conhecemos atualmente no Brasil.

Mas é preciso que se diga que esse modelo considerado tradicional da quadrilha junina popular, assim como a própria festa, passou por profundas modificações, que ganharam proporções ainda maiores nas últimas décadas. Embora, do ponto de vista discursivo, os grupos juninos permaneçam acionando os símbolos hegemônicos das festas juninas descritos anteriormente, à medida que mudanças de diversas ordens atingem à sociedade, estas refletem no panorama das festas, que por sua vez inspiram transformações em suas expressões populares mais típicas. Isso se verifica fortemente nas quadrilhas dançadas hoje, que vêm agregando novos elementos em seu fazer, bastante inspirados em uma lógica técnica seguida por espetáculos artísticos das mais diferentes linguagens. O que poderíamos chamar de quadrilha matuta, marcada pela simplicidade de sua forma, calcada nos códigos de ruralidade cunhados pela festa junina, hoje assume uma aparência bastante distinta, “[...]”

proporcionando uma nova interpretação dos seus símbolos tradicionais” (ZARATIM, 2014, p.31). É nesse universo de modificações estruturais da citada manifestação que se desenha meu trabalho de pesquisa, situando-se no campo de uma cultura que se expressa a partir desses novos códigos.

Meu interesse específico se dá pelos grupos juninos competitivos, que participam anualmente de “concursos juninos”, para os quais se preparam assiduamente durante vários meses. Esses eventos são resultado exatamente do processo de mudança descrito anteriormente, proporcionando novas perspectivas estéticas à manifestação, mas também originando novas práticas, visões e interações sociais e subjetivas. Pensar sobre as dinâmicas desse meio sempre se mostrou frutífero, uma vez que esse exercício sempre me permitiu expandir minha visão analítica não somente acerca do lugar de onde venho, mas também sobre questões que envolvem a sociedade mais ampla.

Um dos aspectos interessantes que se apresenta nesse contexto diz respeito à lógica específica que se constitui no interior desse meio social, que envolve os indivíduos de modo intenso e provoca desdobramentos em suas próprias subjetividades. O chamado “movimento junino”, que congrega as quadrilhas juninas e seus participantes dentro de um processo ao mesmo tempo político e social, institui um espaço simbólico permeado por sentimentos, que vão desde a rivalidade, passando pelo pertencimento, até àquilo que muitos classificam como “amor pelo São João”. Um mosaico de emoções aparece como combustível desse universo, misturando-se com práticas e concepções que ajudam a instituir uma espécie de ideal identitário, que aqui chamo de “ser quadrilheiro”.

A despeito de ser um termo oficialmente cunhado para designar os participantes dessa manifestação cultural, tenho percebido ao longo de minha inserção nesse meio que a categoria “quadrilheiro” está cercada de significados múltiplos, alguns deles sendo inclusive pouco mensuráveis pragmaticamente. Percebendo essa categoria como um termo dotado de significações subjetivas, construídas nos processos de “modelamento de personalidades”, pretendo refletir neste escrito sobre esse “ser quadrilheiro” como um tipo de sentimento, cujo significado se encontra totalmente atrelado ao meio no qual é produzido e que também ajuda a significar. Na trilha aberta pelo “ser quadrilheiro”, pretendo ainda refletir sobre a complexidade do quadro que se desenha nesse contexto, uma vez que esse aspecto parece apontar a existência de uma cultura sentimental específica, que descortina uma rede de sentimentos e emoções que funcionam em cadeia. Este trabalho lança um olhar sobre as quadrilhas juninas que busca focar não apenas sua representação enquanto expressão artístico-cultural, mas os significados produzidos para além dessa face a partir dos processos sociais vividos pelos indivíduos que produzem a manifestação.

Alguns caminhos metodológicos

Como já anunciado neste texto, o presente artigo consiste em um recorte dentro de uma vivência de pesquisa maior no interior do que tenho chamado de “universo junino” ou “quadrilheiro”. De forma resumida, me refiro, por meio de tais termos, ao contexto produzido pelas interações sociais dos participantes das quadrilhas juninas, constituído por suas práticas, vivências, ideias e demais elementos constituintes da experiência dos protagonistas dessa expressão cultural. Como também anunciei, essa pesquisa tem origem na minha relação com o cotidiano dos grupos juninos da cidade de Sobral, município cearense onde nasci, cresci e onde, desde cedo, surgiu minha relação com a manifestação cultural em questão. É desse contato que surge a pesquisa que fundamenta este artigo, sendo os dados aqui apresentados um resultado dessa experiência.

Considerando os aspectos citados, as discussões aqui apresentadas são fruto de trabalho de campo de cunho etnográfico realizado ao longo de incontáveis anos, pois, como já apontado, essa inserção com fins de pesquisa data do período de minha graduação, que concluí no ano de 2012, tendo sido retomada mais recentemente no mestrado, concluído em 2018, seguindo em andamento atualmente com novos recortes no doutorado. Para este artigo, trabalhei com dados advindos desse esforço, buscando pensar a etnografia, como propõe Magnani (2009), como um tipo de “fazer especial”, por meio do qual o pesquisador se relaciona com o universo dos indivíduos pesquisados procurando compartilhar com eles o mesmo horizonte experiencial, com o intuito de segui-los para, “[...] numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.” (MAGNANI, 2009, p. 135).

A noção de etnografia da qual lanço mão neste trabalho se aproxima da ideia discutida por Jeanne Favret-Saada (1990, *apud* SIQUEIRA, 2005), na qual o trabalho de campo não aparece apenas como o resultado sistematizado de um conjunto de procedimentos determinados seguidos pelo etnógrafo, mas como produto do que a autora descreve como “ser afetado”. Nele, eu ocupo expressamente um lugar no “sistema quadrilheiro”, sendo agitado pelas sensações, percepções e pensamentos de quem se coloca em campo tendo uma relação orgânica com ele, que se estabelece independente dos próprios propósitos da investigação (FAVRET-SAADA, 1990, *apud* SIQUEIRA, 2005, p. 159). Este texto, do ponto de vista metodológico, deve ser lido como produto das intensidades e afetos vivenciados pelo pesquisador em campo, seja diretamente – por meio de suas experiências individuais – ou indiretamente – a partir dos afetos expressados por terceiros. O modo como se apresenta, se fundamenta na “relação involuntária” estabelecida entre pesquisador e interlocutores, fincada no mútuo reconhecimento de que há uma experiência subjetiva compartilhada dentro espaço social em questão.

Para substanciar melhor a discussão aqui desenvolvida, realizei algumas entrevistas com pessoas de meu ciclo, também participantes do universo junino da cidade de Sobral, no intuito de articular minhas observações e experiências ao ponto de vista de outros indivíduos que possuem, em alguma medida, experiências em comum nesse contexto. Essas entrevistas foram, na verdade, conversas realizadas via *WhatsApp*, em momento posterior ao período das festas juninas, quando passamos a nos ver com menos regularidade, razão pela qual o uso do aplicativo terminou se mostrando viável. Diria que elas serviram como complemento ao material de campo do qual já dispunha, incluindo minhas percepções a respeito das visões dessas pessoas sobre esse universo, que em parte eu já conhecia. Neste artigo, essas falas possuem o papel de direcionar o caminho das interpretações, mediadas por uma visão mais ampliada sobre a manifestação junina.

As pessoas escolhidas para colaborar diretamente com este texto são participantes bastante experientes do contexto das quadrilhas juninas sobralenses, estando inseridas nesse universo por pelo menos uma década, tendo participado de diferentes grupos e demonstrado um grau de envolvimento bastante elevado com a manifestação. Entendo que o que expressam possui um nível representatividade elevado em relação à totalidade do universo estudado, em razão da multiplicidade de suas experiências nesse meio. Desse modo, suas falas conseguem nos dar uma base acerca das percepções e entendimentos que permeiam o cotidiano das quadrilhas juninas no contexto etnográfico focado.

Em relação ao objeto específico desta investigação – o entendimento sobre as emoções e sentimentos característicos da cultura afetiva dos participantes de quadrilhas juninas –, a análise das expressões manifestadas pelos atores sociais se produz com base na ideia de que o conteúdo sentimental por eles articulado se constrói a partir de uma relação direta com o objeto ou situação em que se encontram, leia-se com o universo junino e a relação que possuem com as quadrilhas. Conforme Le Breton (2019), além de estarem intimamente ligados a um objeto específico, os sentimentos e emoções requerem um tipo de avaliação que nos interessa neste estudo, uma vez que se encontra impregnada pela experiência social. Tal avaliação, de acordo com o autor, encontra sua base em um repertório cultural “[...] que distingue as diferentes camadas da afetividade, misturando as relações sociais e os valores culturais ativados pelos sentidos.” (LE BRETON, 2019, p.141). Diante disso, o trabalho enfoca o conteúdo afetivo articulado pelos atores sociais em questão, entendendo esse conteúdo como dado etnográfico essencial, uma vez que expressam aspectos capazes de comunicar sobre valores, ideais e entendimentos próprios de um dado universo social. A intenção é buscar os sentidos do campo investigado por meio das emoções e sentimentos acionados.

O “ser quadrilheiro” e a experiência sentimental no contexto junino competitivo

Em minha pesquisa de mestrado sobre a política das relações construídas no chamado universo das quadrilhas juninas competitivas¹, uma das coisas que certamente me inspiraram foi a dimensão subjetiva relativa ao sentimento de pertencimento dos indivíduos participantes dos grupos juninos pelo contexto simbólico que ajudavam a construir. Como participante desse meio, eu mesmo pude sentir isso em diversas oportunidades, desde as comemorações e momentos festivos até aqueles que representavam dificuldades e despendiam mais energia e entrega.

É necessário que se registre que embora eu mesmo falasse sobre essa experiência de ser um quadrilheiro como algo dotado de especificidades, com a voz carregada por emoção e o peito repleto de sentimentos, nunca consegui acessar isso com precisão. Sabia que o “ser quadrilheiro” não dizia respeito apenas ao campo de uma experiência prática, que não era apenas o reflexo de fazer parte de uma quadrilha junina, fosse como dançarino ou assumindo qualquer outra função que o espetáculo exigisse. Estar envolvido com essa manifestação cultural me despertava os sentidos por vezes de modo arrebatador e mexia profundamente com minha subjetividade, ao ponto desse envolvimento se atrelar ao que eu entendia como minha identidade. Em diversas oportunidades estudando esse tema, toquei direta ou indiretamente nesse assunto, buscando refletir sobre minha condição de pertencimento e identificação com o meio das quadrilhas juninas, mas creio que nunca tornei essa dimensão sentimental de fato em um elemento a ser colocado em foco, isso porque sempre estive mais interessado no aspecto pragmático daquilo que o processo social quadrilheiro produzia, ao passo que a dimensão em questão está mais ligada ao campo daquilo que Suely Rolnik (2016) define como “corpo vibrátil”. O “ser quadrilheiro” é da ordem das sensações, não das representações, o que segundo a autora é mais complexo de captar, uma vez que a linguagem nem sempre encontra códigos suficientemente elaborados para expressá-las de modo sistematizado, exigindo uma capacidade extra de nossos “órgãos de sentidos” para captá-las.

1 As quadrilhas juninas competitivas são grupos formados tendo como referencial a típica dança dos festejos juninos que se organizam com o objetivo de participar dos chamados “concursos juninos”, também conhecidos como “festivais de quadrilhas”, eventos que ocorrem anualmente nas diferentes regiões do Estado do Ceará, geralmente organizados pelo poder público de cada localidade, mas interligados por meio de instituições oficiais responsáveis por gerir as competições juninas que se realizam em todo o território cearense. Por meio dessas instituições, conhecidas como “federações”, esses concursos se estruturam na forma de circuitos classificatórios, com etapas regionais e estaduais, que levam os grupos a assumirem uma lógica espetacularizada, com alto grau de padronização e investimentos financeiros, resultando em uma complexa rede composta por grupos e indivíduos mobilizados pela temática “quadrilha junina”, cuja sociabilidade extrapola o período do São João, que no Ceará corresponde aos meses de junho e julho.

O próprio termo *quadrilheiro*, enquanto palavra que tenta produzir uma identificação do sujeito que pertence ao mundo das quadrilhas juninas competitivas, ao menos no meu entendimento, condensa alguns conflitos. Segundo a lei federal que sanciona o dia 27 de junho como uma data dedicada ao “quadrilheiro junino”, esse sujeito seria o profissional que utiliza meio de expressão artística cantada, dançada ou falada transmitida por tradição popular nas festas juninas². Embora tenha consciência de que essa narrativa foi formulada com o intuito de abarcar ao máximo as características dos participantes das quadrilhas juninas, mesmo eu me considerando um quadrilheiro junino, nunca consegui me identificar completamente com ela.

Essa definição formal do quadrilheiro não parece conseguir abarcar as experiências subjetivas dos sujeitos em questão, menos ainda suas implicações práticas na participação das pessoas no interior dessa manifestação. Ao confrontá-la com os meus anos de observação e participação nesse meio e, sobretudo, com as falas de outros quadrilheiros a esse respeito, pude constatar que as implicações subjetivas se sobrepõem em muitos aspectos aos elementos formais que tentam identificar os indivíduos aqui enfocados. A primeira ressalva que se pode fazer é certamente ao termo “profissional”, tal como se coloca no texto da lei do dia do quadrilheiro junino. Embora estejamos tratando aqui de grupos que, em virtude da competição, complexificaram seus recursos estéticos, assumindo uma lógica organizativa que exige certo tipo de profissionalização e que requer certo número de profissionais especializados, com conhecimentos técnicos específicos, as pessoas que ocupam esse *status* de profissional junino são uma minoria.

A maioria dos chamados quadrilheiros são voluntários, que se inserem nos grupos juninos de modo espontâneo, conscientes de que não serão remunerados por absolutamente nada do que se prontificarem a fazer. Até conheço histórias de pessoas que foram convidadas para fazer parte de quadrilhas juninas e, em troca, alguns benefícios foram prometidos, como ajudas financeiras para deslocamentos até os locais de ensaios ou apresentações, hospedagem e alimentação para aqueles que vivem em outras cidades, mas até mesmo estes não estiveram livres de fazer uma série de esforços para participar desses grupos. Além do mais, creio ser necessário registrar que esses casos são poucos e geralmente estão atrelados a características particulares referentes ao desempenho do quadrilheiro em questão, seja por se destacar na dança ou em outros aspectos. Em um ambiente competitivo, alguns esforços nesse sentido são realizados por grupos com mais recursos e prestígio no meio³.

2 Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12390.htm > Acesso em 21/01/2018.

3 Refiro-me aqui ao fato de as quadrilhas juninas que participam dos concursos juninos estabelecerem uma lógica competitiva, que busca uma primazia técnica visando os melhores desempenhos durante o período junino.

Um aspecto para o qual, aliás, se é preciso chamar atenção nesse movimento de tentar compreender o que é isso que chamo aqui de “ser quadrilheiro”, diz respeito justamente aos esforços que um indivíduo despende para poder se inserir nesse espaço simbólico das quadrilhas juninas competitivas. Se por um lado a maior parte das pessoas não recebe remuneração alguma para participar da quadrilha, por outro, elas certamente gastarão mais do que poderiam gastar em média para conseguirem permanecer compondo o elenco de “brincantes”⁴ do grupo junino.

As quadrilhas juninas participantes dos festivais competitivos, além de precisarem se adequar a uma série de quesitos objetivos avaliados pelas comissões julgadoras, também passam a incorporar em seus trabalhos elementos mais elaborados, como cenografia, iluminação, grupo de música ao vivo, tecidos e aviamentos mais sofisticados em suas indumentárias, com o intuito de tornarem mais fortes perante as concorrentes. Segundo Menezes Neto (2015), os concursos consagram e legitimam os estilos, escolhas e inovações dos grupos a partir das vitórias conquistadas. Para ele, “A ação criativa dos quadrilheiros é matizada na experiência competitiva. Da apuração dos ‘grandes concursos’ surgem as campeãs, as que apontarão tendências para os anos seguintes [...]” (MENEZES NETO, 2015, p. 130). Levando em conta que, em geral, as quadrilhas juninas são grupos situados em bairros periféricos das cidades e abarcam, em sua maioria, uma juventude economicamente pouco abastada, todo esse processo exige um grande empenho por parte dos quadrilheiros, que produzem eventos, promoções, organizam um sistema de cotas financeiras mensais, dentre outras ações com o intuito de arrecadar fundos para a montagem de seus espetáculos.

Para além dessa questão, o processo de preparação é longo, se arrastando por cerca de seis a nove meses, período durante o qual são realizados ensaios semanais – sobretudo aos finais de semana –, eventos, reuniões e mais uma série de ações que exigem dos participantes disciplina e a dedicação de parte significativa de seu tempo, com o intuito de construir um trabalho artístico (coreográfico, teatral, musical) que tecnicamente se aproxime de uma determinada ideia de “perfeição estética”. A maior parte das pessoas passa a semana trabalhando e/ou estudando, cuidando de suas casas e/ou filhos, em rotinas que em si já são bastante cansativas. São nos períodos de descanso que elas se dedicam a suas quadrilhas juninas e, em geral, sustentam o discurso de que essa é uma atividade “revigorante” e “gratificante”, apesar dos sacrifícios realizados. Nesse cenário, é bastante recorrente a ideia do “ser quadrilheiro” como uma dimensão subjetiva expressa por pessoas que compartilham essa experiência. Considerando tais caracteres, é difícil levar em conta a definição formal de quadrilheiro junino proposta pela lei oficial que estabelece seu dia.

Partindo desse princípio, proponho pensar essa “identidade”, se é que assim se pode chamar, como um elemento que transcende delimitações meramente objetivas, colocando-a na categoria dos sentimentos e emoções, uma vez que estas podem e

4 “Brincante”, ao lado de quadrilheiro, é um outro termo bastante utilizado para se referir aos participantes de quadrilha junina, este se referindo principalmente aos que dançam.

devem ser pensadas etnograficamente, atreladas aos contextos em que são produzidas. Como bem nos chama atenção David Le Breton (2019), o homem não está inserido no mundo perpassado objetivamente por sentimentos passageiros. “Intricado em suas ações, suas relações com os outros, com os objetos que o entornam, com seu meio etc., ele está permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles tocado. (LE BRETON, 2019, p. 138). É nesse sentido que a dimensão do “ser quadrilheiro”, em muitos aspectos, pode se tornar completamente incompreensível para alguém que não compartilhe dessa experiência e de seus acontecimentos intrínsecos com indivíduos em algum grau semelhantes. A exemplo de sentimentos como o amor, que sob a perspectiva do outro pode parecer incompreensível para nós – que dispomos de nossa própria ideia sobre esse sentimento –, sugiro que o “ser quadrilheiro”, como algo que se sente, só consegue ser percebido enquanto tal por quem partilha de determinados códigos sociais. É sobre isso que proponho refletir.

“Ser quadrilheiro é se sentir parte de algo”

Ao realizar uma análise antropológica da “dor”, Le Breton promove uma reflexão acerca da relação do homem com esse sentimento, construindo indagações acerca da influência da trama social e cultural na qual está inserido sobre seus valores e comportamentos. Para ele, “[...] se o homem é uma consequência dessas condições sociais e culturais, também é o criador incansável dos significados com os quais convive.” (LE BRETON, 2013, p. 22). Essa percepção também me parece interessante ao lançar mão de uma análise do “ser quadrilheiro” enquanto elemento subjetivo, inserido no conjunto dos sentimentos de um determinado grupo.

Ao escrever sobre o tema das quadrilhas juninas competitivas e mais especificamente sobre seu público, sempre me pareceu importante buscar descortinar quais as características fundamentais deveriam ser consideradas na tentativa de construir uma definição do “sujeito quadrilheiro”. Diante da minha inserção nesse contexto, a primeira noção a este respeito era a minha própria. Para mim, sempre foi muito difícil me manter inserido na dinâmica das quadrilhas juninas competitivas. Nos primeiros anos essa sensação era menor, quando eu ainda era adolescente, pois a quadrilha representava o principal espaço de sociabilidade para além da família e da escola. A dificuldade ficava por conta do sono matinal, uma vez que eu estudava pela manhã e os ensaios do grupo que eu fazia parte na época eram de noite e, na maior parte das vezes, entravam pela madrugada. Parece pouco, mas para alguém que, como eu, prezava bastante as boas noites de sono, isso já representava um sacrifício imenso.

Com o passar dos anos, outras coisas naturalmente foram se inserindo em minha rotina, na medida em que a idade ia aumentando e as responsabilidades também.

Primeiro veio a faculdade, depois o trabalho, em seguida o casamento, trazendo consigo novos interesses e atividades que consumiam mais o tempo, em comparação aos anos anteriores. A vida, como poderíamos dizer, seguiu, mas uma coisa parecia intacta: o interesse pela quadrilha junina. Ao longo dos anos, segui desenvolvendo inúmeras atividades nesse meio. Fui dançarino, figurinista, cantor e a principal delas: me tornei, ao lado de outras pessoas, coordenador de um grupo junino⁵, atuando não apenas no campo artístico do trabalho, mas também na parte burocrática, como na elaboração de projetos para captação de recursos. Até hoje, direta ou indiretamente, sigo envolvido com essas atividades, mesmo com a vida ficando cada vez mais atribulada em virtude de trabalho e atividades acadêmicas.

Em meio aos aspectos apontados, já pensei inúmeras vezes em deixar a vida de quadrilheiro de lado, tendo em vista que a quadrilha junina exige um envolvimento grande, tornando cada vez mais necessária uma divisão do tempo, o que nem sempre é uma coisa fácil de ser feita. Além disso, como acontece com quase todo mundo que está envolvido nesse meio, também já passei por inúmeras desventuras e desilusões, próprias de um ambiente competitivo, com alto grau de interação social e composto por uma sociabilidade pautada em emoções sempre “afloradas”⁶. Do ponto de vista de um relato pessoal, considerando os aspectos citados, posso dizer que, muitas vezes, parece haver mais motivos para sair desse universo do que para permanecer, pois como se costuma dizer popularmente: “lidar com gente pode ser um negócio bastante difícil”.

Levar adiante a ação de se desvincular do universo quadrilheiro, porém, quase sempre é um dilema. Hoje, tenho bastante dificuldade de me enxergar apartado dessa manifestação. Isso não tem a ver somente com o fato de eu ter me transformado em um pesquisador do tema, pois eu não seria necessariamente obrigado a ser parte do contexto para estudá-lo e para construir com ele uma relação de troca simbólica, como várias etnografias clássicas já demonstraram. Percebo de modo muito evidente que há um sentimento que me liga à manifestação junina, que foi construído ao longo dos anos de inserção no contexto em que ela se produz, bem

5 Faço parte da coordenação da quadrilha junina “Estrela do Luar” desde 2004, grupo presidido por minha irmã e que possui uma ligação bastante estreita com nossa família. O grupo surgiu em 2003, vinculado à uma escola municipal situada no bairro Dom Expedito, em Sobral/CE, mas aos poucos se tornou independente da escola, transformando-se uma das principais associações culturais da comunidade. Essa experiência tem sido fundamental para a construção de meu entendimento sobre as dinâmicas da realidade dos grupos quadrilheiros competitivos no Ceará, sobretudo no interior do Estado.

6 É preciso que se diga que embora haja uma forte dimensão afetiva empregada na relação que os indivíduos estabelecem com a manifestação em questão, a produção de um espaço de competição favorece também o advento de uma sociabilidade marcada por disputas de poder, hierarquias e exaustivas dinâmicas de ensaios e produção de eventos arrecadativos, sempre visando a montagem de espetáculos que primem pela excelência técnica e estética. Isso produz uma rivalidade, às vezes explícita, outras vezes implícita, entre os grupos, mas também pode desencadear tensões internas, motivadas por busca de *status* ou mesmo em razão do grande fluxo de atividades estressantes. Tais características compõem o cotidiano de preparação de um grupo junino durante meses, exigindo dos envolvidos não somente resistência física, mas também psicológica.

como a partir dos lugares que ocupei ativamente nesse meio. Por vezes isso representou um fator de dificuldade na minha trajetória de pesquisa nesse âmbito, já que a pesquisa socioantropológica exige o estabelecimento de algumas fronteiras simbólicas entre quem realiza o estudo e os atores pesquisados, tarefa que nos tempos de Malinowski provavelmente era mais fácil, já que os “outros” estudados estavam separados do mundo do pesquisador pelas águas do oceano.

Em certa medida, nos tempos atuais, quando tendemos a pesquisar os grupos da nossa própria sociedade, essa perspectiva pode ser mantida quando não possuímos envolvimento com a realidade que investigamos, mas se torna igualmente complexa quando voltamos nosso olhar analítico para contextos dos quais fazemos parte ativamente. Aqui, a necessidade de distanciamento analítico se vê constantemente desafiada por uma impossibilidade de deixar completamente o campo, como os etnógrafos que se debruçam sobre grupos distantes de sua realidade ou pouco familiares podem fazer. Enquanto o maior movimento destes consiste na construção de um envolvimento metodológico com o campo, por outro lado, como aponta Carmen Susana Tornquist,

[...] quando estamos envolvidos com *nossos* nativos (daí o abuso do pronome “nosso”), seja por proximidade geográfica, afetiva, política ou simbólica, costuma acontecer o contrário: queremos, em um determinado momento, abandonar o *campo*, mas, eis que nem sempre este campo – feito de pessoas de carne, osso, idiosincrasias, hormônios, expectativas – não nos abandona. (TORNQUIST, 2006, p. 33).

Para mim, pelo que posso perceber hoje, abandonar o campo das quadrilhas juninas é algo praticamente impossível. Porque mesmo que eu fizesse isso, o campo provavelmente não faria o mesmo comigo, já que os anos de envolvimento com essa realidade atuaram diretamente na construção da minha subjetividade, orientando parte dos meus gostos, expectativas e ações. Mesmo que por algum motivo eu me distancie desse universo, isso não significará um rompimento total com ele, já que continuarei a interagir direta ou indiretamente com sujeitos que compartilham comigo esses códigos, além disso, as experiências vividas serão parte ativa de minha memória afetiva. Mas é preciso que se diga que se essa imersão e envolvimento trazem os dilemas elencados, também não se pode desconsiderar, como aponta Marilyn Strathern, que, contrastando com a clássica ideia do pesquisador de campo como um viajante, a experiência de imersão “[...] fornece justamente a *facilidade*, e portanto um *método* para “encontrar” o que não foi procurado.” (STRATHERN, 2014, p. 347). Nesse sentido, o que não é buscado como “novo”, por não ser habitualmente interpretado como tal, sob um olhar analítico, pode ser estranhado

e acabar descortinando perspectivas distintas das usuais, apontando assim novos caminhos e olhares interpretativos sobre o familiar (VELHO, 1987).

Faço essa reflexão para mostrar que há pouca separação subjetiva entre minha experiência de quadrilheiro e de pesquisador, embora ambas sejam significadas a partir de campos sociais com códigos e interesses distintos, sendo entrecruzados no efeito produzido pela experiência etnográfica. Ao mesmo tempo, os dilemas relativos à participação no universo social aqui focado, embora se produzam em mim especificamente a partir dessa mistura de interesses, perspectivas e lugares, não pertencem apenas a mim, apontando um traço marcante da experiência desse “ser quadrilheiro”: a persistência em fazer parte do meio junino, apesar das dificuldades, tanto as ensejadas pelo cotidiano material das quadrilhas juninas quanto as questões de cunho pessoal. E não abrir mão desse lugar de participante foi importante para mim pelo mesmo motivo apresentado por Favret-Saada quando descreve o fato de “ter sido pega pela feitiçaria” em sua pesquisa no Bocage Francês. Se no caso da autora os atores sociais da pesquisa só falaram sobre o tema quando ela própria se percebeu afetada pelos efeitos da feitiçaria, lidando com sensações que não podia controlar nem entender completamente, mostrar-me afetado pelos sentimentos do meio quadrilheiro, tanto quanto meus interlocutores, teve o papel de gerar uma espécie de reconhecimento experiencial de ordem subjetiva, cujo efeito foi o estabelecimento de trocas de sensações, sentidos e emoções comuns ao universo social em questão. É sobre essa dimensão que se busca tratar aqui.

A experiência subjetiva de ser um quadrilheiro articula outros sentimentos que, em um movimento de agregação, são mobilizados nessa produção emocional como parte da construção pessoal dos indivíduos. Lígia Nascimento, por exemplo, quadrilheira há mais de duas décadas, fala de orgulho:

Hoje eu posso dizer que eu tenho um orgulho imenso de ser quadrilheira. Apesar dos pesares, de tudo que a gente vem passando, com esse desrespeito à Cultura, eu tenho um orgulho muito grande de ser quadrilheira. Queria eu poder fazer com que todas essas pessoas de hoje em dia tivessem um orgulho, porque é uma tradição tão bonita essa nossa, de festas juninas... Queria eu poder fazer com que as pessoas tivessem o orgulho que eu tenho de ser quadrilheira. (Depoimento registrado em 19 de outubro de 2019).

É possível perceber nessa fala um tom de valorização da manifestação cultural em questão, que pode ser observado principalmente na tentativa de chamar atenção para a desvalorização que, segundo a minha interlocutora, haveria em relação à cultura enquanto política pública. Para Lígia, a falta de incentivos a esse setor tornaria a realidade dos grupos quadrilheiros, já constituída de muitos percalços, bastante difícil. Tal fato, em si, denotaria o desrespeito para com a própria manifestação junina, que passaria a ter menos apoio do que já possuía anteriormente. Nesse contexto, a partir de uma interpretação do conteúdo da fala, sentir-se

pertencente a essa realidade e, mais que isso, sentir-se orgulhosa desse fato, a despeito de todas as dificuldades que isso possa representar, sugere um fator de diferenciação desse sujeito a quem chamo aqui de quadrilheiro, que articularia elementos próprios produzidos subjetivamente dentro do processo social vivenciado. Mas, de fato, como isso que Lígia chama de *orgulho* se materializaria no mundo prático das relações estabelecidas dentro de uma quadrilha junina? Para Marcos Sousa, outro colaborador bastante experiente nesse meio, essa dimensão tem a ver com um profundo engajamento nas atividades necessárias ao grupo:

Ser quadrilheiro, pra mim, é você, de fato, vestir a camisa, né? É você estar presente em todos os ensaios, aproveitar cada segundo que é ofertado ali dentro de quadra. É você trabalhar não só na produção artística, mas como também de arrecadação de verba, de pedir patrocínios... De ser motivador... Ser quadrilheiro é ser um elemento que agregue dentro do contexto. [...] eu acho que a resposta é essa: ser quadrilheiro é você tá inserido de uma maneira mais atuante dentro do processo de construção da quadrilha junina. (Depoimento registrado em 19 de outubro de 2019).

Percebe-se aqui uma tentativa de mensurar o “ser quadrilheiro” a partir de virtudes e características valorizadas dentro da dinâmica dos grupos juninos. Expressões como “vestir a camisa”, “ser elemento que agregue”, dentre outras, apesar de buscarem dar conta de comportamentos práticos, sugerem também um aspecto valorativo e moral, portanto subjetivo. Isso pode ser notado naquilo que se encontra, por contraste, ausente do discurso. De certo modo, a fala denota marcadores de diferenciação que não necessariamente pertenceriam a todas as pessoas de algum modo inseridas no universo junino, pois nesse espaço, porventura, também poderiam existir pessoas que “não vestissem a camisa” ou que “não agregassem”. Para os quadrilheiros, esses indivíduos seriam pessoas que participariam de grupos juninos apenas por diversão, curiosidade, para passar o tempo ou por qualquer outro motivo, mas ainda não teriam desenvolvido um sentimento de pertencimento pela manifestação. Isso, conforme o pensamento do meu interlocutor, se materializaria na disponibilidade para se envolver e trabalhar gratuitamente em benefício da quadrilha junina da qual se é parte, bem como na capacidade de motivar seus pares a fazer o mesmo. Nessa perspectiva, outro termo que aparece com recorrência na fala dos quadrilheiros ao se referirem a seu sentimento por esse contexto é “família”. É o que denota o discurso elaborado por Jayder:

Pra mim, ser quadrilheiro é você se sentir parte algo. Muitos podem até chamar de grupo, eu basicamente chamo de família, porque 10 anos não são 10 dias... E quando eu digo que faço parte de grupo junino, eu me sinto dono e ao mesmo tempo parte de algo que movimenta muita coisa. A gente em quadra se torna ator, bailarino, manifestante, protestante e conservador da Cultura... Então, explicar o que é ser quadrilheiro é

complicado... Porém, é gratificante se sentir parte de algo tão lindo. (Depoimento registrado em 21 de outubro de 2019)

Nessa direção também parece ir a percepção do quadrilheiro Dênys Militão (Depoimento registrado em 21 de outubro de 2019), que afirma: “ser quadrilheiro é vestir a camisa do seu grupo, ter garra e perseverança que tudo dará certo, acreditar, não desistir, independente das adversidades, das dificuldades, acreditar no seu grupo, na sua ‘família’, tentar melhorar sempre, ter disciplina e se realizar”. É bastante interessante perceber como o “ser quadrilheiro”, enquanto definição de uma conduta, identidade ou comportamento raramente se expressa de modo objetivo. Ao elaborarem essa ideia a partir de seu conteúdo sentimental, as pessoas parecem construir comparações, no sentido de exemplificar o que de fato seria essa experiência, que embora coletiva, sempre assume nuances individuais para quem a vive e sente. A comparação da quadrilha junina – ou mesmo do contexto simbólico que a produz – com uma família se repete nas falas com a intenção de promover uma espécie de mensuração da intensidade desse sentimento de pertencimento.

Considerando os aspectos elencados, é revelador perceber a experiência de ser um quadrilheiro como o sentimento de “ser parte de algo”, tal como aponta Jayder, e como algo capaz de provocar a sensação de “se realizar”, como diz Dênys. Tais elementos, de algum modo, demonstram que esses relatos sobre inserção e imersão no meio quadrilheiro não apontam apenas características genéricas, mas ajudam a desenhar processos de subjetivação produzidos pela interação social, atuando diretamente na construção pessoal dos indivíduos, que são constantemente afetados pela experiência de ser quadrilheiro. Eduardo Di Deus (2014), em um trabalho sobre os processos de sociabilidade construídos pelos jovens que participam das quadrilhas juninas de Rio Branco, capital do Acre, aponta que há uma forte relação entre o aprendizado das técnicas que constituem a quadrilha e a “construção da pessoa” nesse contexto. Segundo ele,

Ser quadrilheiro, assim como pertencer a outros *movimentos* urbanos, é uma forma de inserção dos jovens de grande parte dos bairros populares da cidade em redes de relações, que se mantêm mesmo com a constante renovação dos brincantes ativos. (DI DEUS, 2014, p. 84).

Levando em conta o impacto que a inserção em redes de relações sociais provoca sobre os indivíduos, e considerando que isso ajuda a construir a subjetividade daqueles que partilham dos códigos simbólicos que são produzidos no interior de tal contexto, pensar o “ser quadrilheiro” como uma categoria que também tem ressonância no campo sentimental parece frutífero. Ao mesmo tempo, enfocar esse elemento como algo mais complexo, como uma espécie de sistema que produz e agrega outras categorias emocionais, também pode ser um aspecto necessário, tendo em vista que a interação social inevitavelmente mexerá com os sentidos.

O ideal de “amor pelo São João”

Ao analisar a “vergonha”, Thomas Scheff produz uma reflexão sobre esse sentimento a partir de suas ramificações, indicando que, embora essa emoção não costume ser nomeada, ela se manifesta por meio de atitudes e expressões que são, na maior parte das vezes, classificadas por outros nomes. Me interessa extrair da análise desse autor o modo como ele analisa o referido sentimento, classificando-o como “sistema vergonha”. Para ele, a vergonha não se manifesta como algo essencializado e fixo, mas produz um sistema mais complexo, que deixa escapar diversas formas de expressividade que se “[...] encontram escondidas sob outros termos: medo ou rejeição, desrespeito, estigma, culturas da honra, vingança, etc.” (SCHEFF, 2016, p. 50).

Tal como observa o autor em relação ao sentimento de vergonha, percebo que a dimensão subjetiva do que classifico como “ser quadrilheiro” também se constitui como um sistema mais abrangente, que tanto produz outras categorias sentimentais para se referir a ele próprio como aciona outros sentimentos que se juntam a ele constituindo uma “teia emotiva”. De todas as categorias acionadas pelo discurso dos quadrilheiros, a expressão “amor pelo São João” é provavelmente a mais comum, indicando o estabelecimento de um vínculo subjetivo com a manifestação que se incorpora às identidades pessoais não apenas a partir de uma experiência prática e objetiva, mas também sentimental.

Muito embora essa ideia de “amor pelo São João” seja recorrente entre os indivíduos que participam de modo mais afeito do contexto das quadrilhas juninas, há de se perceber um detalhe importante: há constantemente uma tentativa de individualizar esse sentimento quando este é acionado por alguém específico. Nesse caso, a forma de “amar o São João” não é um aspecto genérico, mas se manifesta de modo nuançado na expressão individual de cada sujeito. Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (2010), ao analisarem o “amor”, apontam para o fato de que, tal como vivenciado nos dias atuais, esse sentimento seria uma invenção da ideologia individualista, cujo papel na produção de um terreno fértil para o desenvolvimento da sociedade moderna seria de centralidade. Enfocando no clássico drama *Romeu e Julieta*, percebido como uma espécie de mito de origem desse amor moderno, as autoras apontam para um sentimento proveniente do íntimo do sujeito, cujos efeitos seriam a imposição da vontade individual sobre – e apesar de – qualquer obstáculo ou ditame social. Segundo elas,

Esse sujeito determinado de dentro, contudo, e livre em relação à sociedade, está amarrado a ditames de outra ordem. Esse amor todo-poderoso, que o faz enfrentar qualquer obstáculo, não é escolha sua: é de natureza cósmica, estando ele *destinado* a amar aquela pessoa. (REZENDE; COELHO, 2010, p. 55).

Evidentemente, falar do amor de uma pessoa por outra é diferente de falar sobre o amor que um indivíduo diz sentir por um grupo, coletividade ou manifestação social. Obviamente, não desconsidero as devidas proporções, por outro lado, parece haver traços comuns entre as duas experiências emotivas, uma vez que elas são advindas de uma cultura afetiva dominante, produzida por uma sociedade altamente fragmentada em termos de totalidade. Para além de tal fato, é importante que se diga ainda que embora o elemento emocional possa ser estimulado por acontecimentos momentâneos, com intensidades particulares, como alerta Le Breton (2019, p.140), determinadas variações se mostram mais fortemente arraigadas no tempo, mostrando-se mais acessíveis no nível do discurso, pois parecem estar mais integradas à organização ordinária da vida. Para o autor, o amor seria um desses sentimentos que encontram facilmente um lastro nos valores culturais dos indivíduos, sendo rapidamente representados e explicados discursivamente. É nesse ponto que tal sentimento se configura como um elemento importante para acessar o conteúdo simbólico do universo das quadrilhas juninas.

Há, na experiência dos quadrilheiros, um elemento a ser evidenciado. Em geral, embora a quadrilha junina seja apreciada enquanto expressão artístico-cultural pelo público, que a assiste como “objeto contemplativo”, é possível percebermos que, em seu dia a dia, não raro ela é vista com preconceito. Por ser uma atividade que se arrasta por muitos meses, ao longo da preparação do espetáculo, e que exige um grande envolvimento sem que isso necessariamente traga algum tipo de retorno financeiro para os indivíduos isoladamente⁷ – outro traço valorizado na sociedade capitalista –, a experiência quadrilheira costuma não ser bem compreendida por muitos.

Em uma sociedade que, de acordo com Goffman (1981, p. 5), “[...] estabelece os meios para categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”, quadrilha é coisa para “quem não tem muito o que fazer”, já que dentro da lógica monetizada do nosso mundo, é impensável que alguém desperdice aquilo que seria seu “momento de lazer” com mais trabalho, ainda mais sem ganhar nada de material em troca. Para além desse fato, também existe uma questão de classe social⁸, já que nos centros urbanos – tanto no interior quanto na capital – as quadrilhas juninas são manifestações produzidas pela periferia, além de haver uma presença significativa

7 Ressalta-se que há indivíduos que atuam de forma remunerada na produção artística dos grupos, entretanto, como já indicado neste texto, estes representam uma pequena minoria e, em geral, ocupam funções estratégicas no espetáculo: coreografia, direção artística, músicos etc. A maior parte dos integrantes são voluntários e o mais comum é que contribuam financeiramente para a montagem dos espetáculos juninos.

8 Acrescentaria também o aspecto racial, já que parte significativa das pessoas que compõem as quadrilhas juninas se autodeclaram negras (pretas ou pardas), aspecto cuja complexidade certamente exige de um trabalho à parte que se debruce apenas sobre esse tema.

de pessoas LGBTI+⁹ nessa expressão cultural, aspectos cuja complexidade certamente pedem outros artigos tratando apenas sobre o assunto.

É diante dos estigmas e das contestações sobre o sentido e a necessidade de se dedicar tanto a essa manifestação que a ideia pessoalizada de “amor pelo São João”, como uma força “arreatadora”, surge para justificar esse grau de inserção, pois como afirmam Rezende e Coelho “o indivíduo, ao falar do que sente, comunica-se consigo mesmo através da comunicação com os outros, compreendendo, por meio desta expressão, aquilo que sente” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 62). É sob esse prisma que se pode tentar compreender o que diz Lígia Nascimento sobre isso que chamo aqui de “amor pelo São João”:

Eu, Lígia, comparo o meu amor pelo São João ao amor que eu tenho ao meu filho. É um sentimento único e verdadeiro de amor por aquilo que eu faço, que é dançar, que é mostrar para as pessoas a minha dança, a minha junina. E é isso, eu tenho um sentimento muito grande de amor realmente, amor de mãe para filho. Que é isso! Tanto é que vai fazer 22 anos que estou nessa causa, né? Eu acho que se não fosse amor por tudo que a gente passa, pelos estresses, pelos perigos de ensaios, de viagens, eu acho que eu não estaria mais envolvida neste meio. (Depoimento registrado em 19 de outubro de 2019).

Lígia expõe uma percepção parecida com a minha, quando manifestei anteriormente minha relação com o contexto das quadrilhas juninas. Eu afirmei que, às vezes, tenho a sensação de que há mais motivos para sair desse universo do que para permanecer, diante das dificuldades. Ela parece fazer o mesmo, quando aponta os perigos nos deslocamentos aos ensaios e apresentações, os estresses pelos quais passa nesse meio etc. No entanto, enquanto eu manifestava que não sabia muito bem o que me fazia permanecer, já que para mim esse sentimento se manifesta de uma maneira difícil de verbalizar, para minha colaboradora, a força subjetiva que a faz se manter firme nesse universo é, segundo a própria, “o amor que sente pelo São João”. Ela ainda vai mais longe, na sua tentativa de tornar compreensível esse sentimento, ao compará-lo ao que chama de “amor de mãe”, que para exemplificar ela usa a relação que possui com seu próprio filho. Mas essa dimensão, quando tenta ser explicada, assume facetas diversas, que certamente advêm do tipo de relação pessoal que cada um constrói com a manifestação quadrilheira, como podemos observar na fala de Marcos Sousa:

Eu costumo dizer pra todo mundo que o amor é a base de tudo. Então, quando você ama, você consegue fazer tudo com perfeição, com

9 Embora essa seja uma questão bastante significativa, optei por não abordá-la neste texto, pois considero que a participação do público LGBTI+ nas quadrilhas juninas sempre exige estudos específicos e mais aprofundados, que se dediquem de modo mais direcionado a essa face do movimento junino. Sobre isso, produzirei uma tese inteira de doutorado, cuja pesquisa se encontra em desenvolvimento atualmente.

maestria, com vontade, com entrega... E o amor pelo São João, ele vai aos sentidos, de fato. É quando você escuta uma sanfona e você quer dançar... É quando você, digamos... De três vezes que você fala no dia, duas você fala de quadrilha, quando você de fato respira aquele movimento, não os doze meses do ano, mas digamos 10, 11 meses... Porque, de fato, é algo que te tira da realidade, algo que te transforma, é onde você se sente uma pessoa importante, é onde você se arrepia, é onde você se emociona... Então o amor pelo São João, ele faz isso: ele te desperta esses sentidos, esses sentimentos, e florescem a partir do momento que você passa a amar um grupo, a amar um movimento no geral, né? É onde você, de fato, agrega, sem tentar menosprezar o trabalho do outro, porque você sabe o quanto foi árduo pra construir, e do mesmo modo o do colega também foi... Então amar o São João é, de fato, aproveitar todos esses sentimentos bons, e utilizá-los dentro do seu âmbito junino. (Depoimento registrado em 19 de outubro de 2019).

Para Marcos Sousa, o “amor pelo São João” é um sentimento que o “tira da realidade”. Ou seja, de algum modo, para ele, esse sentimento provoca um deslocamento simbólico, que o insere em uma dimensão distinta daquela vivenciada cotidianamente em outros espaços. É interessante ainda perceber, como ele fala, que se trata de algo que “vai aos sentidos”, como algo que se produz em um âmbito imaterial, mas que toma conta do corpo e o anima¹⁰. Segundo meu interlocutor, é essa força inexplicável e arrebatadora que o invade e se transforma em motivação, fazendo com que haja uma entrega espontânea, que certamente servirá de combustível na geração de um movimento capaz de enfrentar os obstáculos que, por acaso, surjam no caminho. Essa força, conforme as palavras de Marcos, toma um caráter “fisiológico”, uma vez que durante os meses de preparação dentro do universo junino, de fato, “se respira” esse movimento, ele “faz arrear”. É interessante também observar que, segundo ele, tal sentimento impacta em sua autoimagem, em seu autorreconhecimento, pois dentro desse mundo simulado pelo contexto das quadrilhas juninas competitivas, ele “se sente importante”. Esse movimento que mistura sensações também é seguido por Jayder, ao descrever o que entende por “amor pelo São João”:

Meu amor pelo São João está diretamente ligado ao prazer em quadra, no convívio com o grupo ao qual pertença e no sentimento de família que criei com o mesmo. Amar o São João vai além de dançar e gritar “que ama São João”, esse sentimento de amor pelo São João se resume em cada lágrima derramada, ou em cada sorriso dado pra alguém que está ali lhe prestigiando... E o quadrilheiro só percebe que ama São João

10 Para David Le Breton, nem todas as manifestações do corpo se expressam sob o julgo da consciência. Entretanto, isso não anula o fato de que todas elas se desenham dentro de modelos sociais, o que inclui as emoções. O corpo é uma expressão socializada e semantizada, ou seja, os significados daquilo que manifesta são atributos fornecidos pelo mundo social no qual está inserido. Sendo assim, “As funções corporais ou afetivas que sustentam a existência social do indivíduo são adquiridas, não inatas.” (LE BRETON, 2019, p. 208).

quando ele coloca o pé em quadra, escuta o regional¹¹ da sua junina anunciar a volta de apresentação¹², sente o coração acelerar e não controla o arrepio no braço. Se você não sentir isso, sinto muito, mas você não ama o São João. (Depoimento registrado em 21 de outubro de 2019).

Jayder é ainda mais incisivo em sua definição de “amor pelo São João”. Para ele, sentir determinadas sensações, compartilhar determinados sentimentos, é algo essencial para dizer-se tomado por essa energia ao mesmo tempo social e subjetiva. Conforme Scheff, “[...] o conceito de emoção não pode ser entendido sem se evocar seus componentes internos e externos, isto é, o envolvimento psicológico e social [...]” (SCHEFF, 2016, p. 26). Para o autor, o foco apenas na expressão individual não conseguiria dar conta dos esquemas simbólicos que as emoções articulam, uma vez que, embora sentidas por cada pessoa em particular, costumam estar baseadas em ideais socialmente compartilhados. Nesse sentido, aquilo que ele chama de “teatro interior do *Self*” “[...] é modelado a partir das interações sociais.” (SCHEFF, 2016, p. 26). Diante de tal aspecto, é possível notar que dentro do sistema subjetivo do “ser quadrilheiro”, o ideal do amor pelo São João parece ganhar contornos individuais, quando cada pessoa busca pessoalizá-lo internamente, aspecto que pode ser observado em cada uma das falas destacadas. Entretanto, como demonstra o discurso de Jayder, é necessário “sentir o coração acelerar”, “sentir o arrepio no braço” e, sobretudo, partilhar de um laço com pessoas e com a manifestação, elemento que direta ou indiretamente se repete nos discursos sobre essa experiência.

O Sentimento quadrilheiro como uma regra de adequação social

Um aspecto importante a se destacar nessa análise sobre o sentimento do “ser quadrilheiro” e as emoções articuladas e expressas nesse sistema simbólico que esse

11 Grupo musical que acompanha a quadrilha junina enquanto ela exhibe sua dança. Sua base é composta pelo formato frequentemente interpretado como “forró tradicional”, inspirado por Luiz Gonzaga: vozes, sanfona, triângulo e zabumba. Apesar dessa referência, praticamente nenhum desses grupos se resume a esse formato, acrescentando aos “elementos tradicionais” outros instrumentos, como violão, contrabaixo, bateria e/ou percussão, guitarra e, em alguns casos, até instrumentos de sopro (como flautas) e de cordas friccionadas (como violinos). Vale salientar que o termo “Regional” é uma categoria etnográfica típica do universo social das festas juninas do Ceará. Em outros estados, esse conjunto é chamado simplesmente de banda ou grupo musical.

12 A volta de apresentação é uma espécie de aquecimento típico das quadrilhas do Ceará, quando o grupo faz uma performance, geralmente dando uma volta na arena de apresentações, fazendo um cumprimento e saudando o público.

elemento produz diz respeito ao fato de que isso aparece como uma espécie de “expectativa a ser cumprida”. O “ser quadrilheiro” como aspecto subjetivo, ao lado daquilo que os indivíduos pertencentes a esse contexto chamam de “amor pelo São João”, se expressa como uma característica a ser socialmente desenvolvida pelos quadrilheiros, a ponto de muitos considerarem isso como uma característica obrigatória no processo de interação do meio em questão. Só se é um quadrilheiro, dizem, quando se compartilha dos sentimentos em questão, como se isso fosse uma regra “não dita” no interior do universo junino. Conforme Didi-Huberman (2016), as emoções, para serem reconhecidas como tal, passam por expressões que devem ser decodificadas por todos, uma vez que pertencem, ao mesmo tempo, ao indivíduo e ao grupo. Para o autor, essas manifestações – corporais, gestuais, discursivas etc. -, que assumem um caráter de força obrigatória por possuírem valor moral e se inscreverem na coletividade, “[...] são mais do que simples manifestações, são signos de expressões inteligíveis. Numa palavra, são uma linguagem.” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 33).

O “sistema sentimental do ser quadrilheiro”, próprio da cultura afetiva aqui analisada, precisa ser encarado como uma linguagem que concede sentido às práticas dos indivíduos em suas interações sociais; ao mesmo tempo, esse esquema simbólico subjetivo também é produzido por elas. De certo modo, se valendo das reflexões de Goffman (2011), poderíamos dizer que a produção e expressão de um sentimento quadrilheiro que se desdobra em diferentes processos emocionais e subjetivos faz parte de uma espécie de “fachada” comum no ritual de interação produzido no contexto configurado pelos participantes das quadrilhas juninas. Para o autor,

[...] a fachada da pessoa claramente é algo que não está alojado dentro ou sobre seu corpo, mas sim algo localizado difusamente no fluxo de eventos no encontro, e que se torna manifesto apenas quando esses eventos são lidos e interpretados para alcançarmos as avaliações expressas neles. (GOFFMAN, 2011, p. 15).

É como se manifestar sentimentos como amor, pertencimento, orgulho, dentre outros que sugiram satisfação e percepções positivas sobre o ato de estar inserido no mundo junino fosse parte de um jogo de “boas maneiras” ou “adequação de conduta” no quadro processual da interação dos sujeitos. Desviar desse padrão certamente produz sanções simbólicas, que tendem a reprimir explícita ou implicitamente quem não reproduz a “fachada quadrilheira”, muito embora, como vimos, ela não se manifeste de forma padronizada e homogênea. De todo modo, há elementos ritualmente compartilhados em termos de expressão sentimental que, esses sim, precisam ser observados. Ao falar sobre o modo como a manifestação das quadrilhas juninas se organiza hoje, Marcos Sousa aponta aspectos do que, para ele, seriam limites apresentados por essa expressão atualmente, de certo modo, exemplificando esse “desvio de fachada” do ser quadrilheiro:

Hoje a gente vê muito quadrilheiro chamado “closista”, né? Onde a galera, de fato, só está disposta a dançar por *status*... Pra viajar ou então ter aquele seu momento de “fama”, né? Antigamente era mais forte isso, onde de fato as pessoas, além de amarem os seus grupos, além de se doarem tanto pra construção de todo o processo que antecede o movimento junino, ela de fato amava aquilo ali, ela chorava quando não tinha ensaio, ela se sentia mal por ter faltado o ensaio, ela ficava com a consciência pesada por não ter conseguido vender todos os seus bilhetes [de rifa], não conseguir ajudar em todas as promoções [para arrecadação de verbas] proporcionadas pelo grupo... E isso é muito diferente hoje. Hoje as pessoas estão mais preocupadas em apenas querer “close”. (Depoimento registrado em 19 de outubro de 2019).

Em seguida, Marcos segue sua fala, buscando elucidar melhor seu raciocínio sobre as contradições presentes no contexto quadrilheiro:

A vaidade está muito entrelaçada a essa questão de fazer parte do movimento, né? Porque... Quando o brincante entra dentro da quadrilha, ele entra com uma visão, com uma perspectiva, e, ao passar dos anos, quando ele vai começando a ganhar experiência, quando ele vai começando a ser notado, quando ele vai começando a perceber que ele já tem pessoas que o seguem, que reconhecem esse seu esforço, ele mexe muito com essa questão do ego, e isso começa a transformar esse tipo de brincante. Hoje em dia é muito comum a gente ouvir esse termo “close” justamente por isso aí, porque as pessoas acham que por já saber, já ter uma “legião de fãs”, ou por já ter vivenciado outras experiências em outros grupos, grupos grandes que têm um certo renome dentro do movimento junino, acham que já sabem de tudo, são donos da razão, né? E esse processo é muito até louco. (Depoimento registrado em 19 de outubro de 2019).

É bastante interessante o acionamento da categoria “close” por parte de Marcos para tentar definir quem seria o indivíduo desviante de um padrão social compartilhado pelos quadrilheiros. Para os participantes do meio, uma pessoa “closista” é aquela que demonstra traços excessivamente individualistas, que se superestima, se supervaloriza, a ponto de se considerar tão boa no que faz que acredita não precisar colaborar com a coletividade, uma vez que entende que sua participação por si só já seria colaboração mais que suficiente. No geral, pessoas que, em maior ou menor grau, manifestem esses traços são vistas como problemáticas, suscitando reservas por parte dos demais no que se refere ao trato. Por outro lado, faz-se necessário frisar que essa característica resulta do ambiente competitivo estruturado ao redor das quadrilhas, ou mesmo dentro delas, já que nesse espaço também existem hierarquias de *status* e prestígio¹³. Outro traço que

13 As quadrilhas possuem cargos de destaques, personagens que ocupam tais lugares por suas qualidades técnicas, geralmente atreladas ao desempenho na dança, além de possuírem

chama atenção na fala destacada diz respeito ao acionamento de um recorte temporal, no qual um “tempo antigo” é referenciado para exemplificar que houve um momento em que o sentimento quadrilheiro era mais valorizado, aspecto que também aparece na fala de Lígia Nascimento:

Eu queria muito que as pessoas tivessem o orgulho e o amor pelo São João como antigamente, que era um São João que a gente sempre dançou por amor e não por *status*, que é o que acontece hoje em dia, que as pessoas escolhem estar em lugares em que a quadrilha vai ser melhor, que sabem que a quadrilha é melhor, pra “bater foto”, pra postar [nas redes sociais], pra mostrar que está, entre aspas, nas “melhores quadrilhas” e tal... E não como antigamente, que a gente, com muito amor, com muito sacrifício, comprava o tecido pra dançar na quadrilha que a gente queria... Podia não ser a melhor, mas a gente estava ali porque a gente gostava, porque era aquela sensação de orgulho por fazer parte daquela junina, sabe? E é isso. (Depoimento registrado em 19 de outubro de 2019).

O acionamento do tempo passado parece se expressar como um recurso que, tal como outros dispositivos do discurso quadrilheiro, visa pessoalizar a experiência de envolvimento emocional com a manifestação. Esse “tempo” não é “qualquer tempo”, mas o tempo da pessoa que narra, logo, a intenção parece ser a de afirmar a genuinidade dos sentimentos daquele que narra sobre aquilo de que fala. Nesse contexto, provavelmente todos os quadrilheiros disponham de seus próprios recursos para se aproximar daquilo que seria a “fachada” esperada de alguém inserido no meio junino, ao passo que também acionam seus próprios mecanismos para se distanciar do “brincante closista”, que aqui aparece como a materialização do exato oposto do indivíduo que partilha do “ser quadrilheiro” enquanto mecanismo subjetivo de validação social.

Cabe aqui uma interpretação sobre a “obrigatoriedade dos sentimentos”, ao olharmos para esse sistema emocional do “ser quadrilheiro”, já que a ele se vinculam posturas, discursos e sentimentos como o citado “amor pelo São João”, desenhando assim uma espécie de esquema processual que conduz e molda condutas emotivas a partir de determinados elementos. No entanto, nessa perspectiva, é necessário considerarmos, como atenta Marcel Mauss “[...] que este convencionalismo e esta regularidade não excluem de modo nenhum a sinceridade” (MAUSS, 1981, p. 330), uma vez que as concepções expressas são parte de uma conduta interpretada como natural no contexto em questão. A interação produzida no interior do universo das quadrilhas juninas competitivas, por mexer diretamente com as emoções e sentimentos, aciona espontaneamente um dispositivo afetivo nos indivíduos, mas o modo como se performatizam essas emoções obedecem a contornos previamente produzidos e difundidos no interior do processo social em questão. A afetividade, segundo Le Breton,

também equipes de gestão, responsáveis por gerir os trabalhos, posições que, em geral, concedem poderes de “mando”, liderança e autoridade àqueles que as assumem.

[...] simboliza o clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida quotidiana oferece sobre uma trama descontínua, ambivalente e inatingível por conta da complexidade de seu mosaico. (LE BRETON, 2019, p. 140-141).

O estabelecimento de relações entre sentimentos e comportamentos esperáveis dentro de um determinado contexto dilui uma fixa separação entre o aspecto individual e o social, pois o elemento afetivo perpassa por essas dimensões sem desconstruir nem compartimentar nenhuma das duas. Há um “modo quadrilheiro” de relaciona-se com seu próprio universo, que envolve uma carga emotiva e sentimental que parece, direta ou indiretamente, trabalhar no sentido de traduzir uma trama social repleta de complexidade.

Considerações Finais

A ideia de “ser quadrilheiro”, como vimos, não se resume aos aspectos práticos e estéticos ligados à manifestação junina. Refletir sobre essa “identidade” nos coloca diante de uma realidade permeada por tensões e vivências pessoais. Mais que isso, podemos observar a presença de um processo de subjetivação que atua sobre as consciências dos indivíduos. Esse processo não se expressa de modo completamente explícito para quem compõe o meio quadrilheiro, pois é parte de uma experiência de socialização que se estabelece no cotidiano vivenciado pelas pessoas.

O que chama atenção no exercício de análise dos discursos e experiências nesse meio é certamente a contribuição que isso nos pode proporcionar em termos de percepção acerca de espaços e experiências sociais mais generalizadas. Os sentimentos se tecem em diálogo direto com os processos organizativos nos quais nos inserimos, o que não apenas nos molda de alguma forma, mas também produz afecções muito específicas, que seguramente só conseguem ser captadas e interpretadas a partir de uma inserção nos interstícios do campo em que são gestadas.

O enfoque na dimensão do “ser quadrilheiro”, assunto do qual tratei ao longo de todo o texto, só foi possível a partir de um esforço duplo de articulação entre minha própria vivência enquanto quadrilheiro e as percepções de outros quadrilheiros com quem convivo há alguns anos. Desse modo, as reflexões tecidas aqui são o fruto de um trabalho que envolveu conversas sobre o tema deste artigo, mas também interações que extrapolaram essas situações. Foi nesse movimento que se desenhou a possibilidade de se pensar sobre essa questão em termos subjetivos.

Ao mesmo tempo que se descortinou a carga simbólica dos processos de subjetivação, o caminho também se abriu para a percepção desse “sistema sentimental quadrilheiro” como uma espécie de “ética”. Elaborar discursivamente uma ideia acerca do sentimento em relação à manifestação – aqui entendida como o conjunto composto pela festa junina, o ambiente em que ela se constrói e a relação direta com a quadrilha junina da qual se participa – significa também legitimar códigos de “reconhecimento social”. Sustentar a “fachada quadrilheira” requer a articulação não só de um discurso, mas também de uma prática performativa sustentada por esse mesmo discurso, que por sua vez impacta e é impactado pelas afecções individuais.

O universo quadrilheiro aparece como um contexto simbólico onde a relação dialética entre indivíduo e coletividade se expressa constantemente, em uma dinâmica de retroalimentação fortemente marcada por um conteúdo emotivo e sentimental. Mas esse movimento articulado pela emoção é complexo, não sendo possível compreendê-lo sem que seja colocado “[...] em estreita relação, numa situação precisa, com a forma segundo a qual ela se mistura à trama social e à cultura afetiva própria de um grupo.” (LE BRETON, 2019, p. 192-193). Percebemos que a própria ideia de “sentimento quadrilheiro” ou “amor pelo São João” não existe sem a significação que o contexto concede a essas emoções. Ao mesmo tempo, nota-se que o próprio contexto perderia muito de seu significado interno se não fossem os afetos pretensamente individualizados expressos e descritos ao longo deste artigo.

Para os participantes das quadrilhas juninas competitivas, o significado que a quadrilha e os festejos juninos em geral possuem não é exatamente o mesmo do qual possivelmente aqueles que estão fora desse universo compartilham. Para estes, certamente as referências folclóricas ou culturais dominam a representação, ao passo que, na experiência dos quadrilheiros, a esses símbolos são acrescentados outros elementos que parecem ocupar maior centralidade no que se refere ao próprio processo de produção de significados sociais.

Na ótica de quem está envolvido com os fluxos culturais enfocados, a quadrilha junina e, por extensão os festejos de São João, não consistem apenas em manifestação folclórica de caráter sazonal. Para muitos, é “família”, é “laço social”, uma vez que tudo invade o cotidiano e serpenteia por entre os demais papéis sociais exigidos no dia a dia. O impacto disso na construção subjetiva das pessoas é significativo, uma vez que o São João ocupa lugar de destaque em suas vidas. Muito se fala na espetacularização de manifestações culturais como as festas juninas, influenciadas pelas mudanças sociais produzidas pela chamada cultura de massa, mas penso que o interesse pelo impacto que essas alterações ocasionaram nas subjetividades e percepções daqueles que produzem tais manifestações ainda é limitado. Acredito que os estudos sobre a carga emocional suscitada pelas mudanças de concepção, bem como sobre os movimentos que a entrada de uma nova gramática emocional provocou em determinadas expressões culturais, podem proporcionar uma melhor compreensão da articulação entre as dimensões sociais e individuais nos estudos socioantropológicos.

Referências

- CHIANCA, Luciana de Oliveira. *A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX*. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. Ed. São Paulo: Global, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DI DEUS, Eduardo. Quadrilhas Juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 75-85, jan/jun. 2014.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: editora LTC, 1981.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LE BRETON, David. *Antropologia da dor*. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2013.
- LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos). In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n.32, ano 15, p.129-156, jul./dez.2009.
- MENEZES NETO, Hugo. *O balancê no Arraial da Capital: Quadrilha e tradição no São João do Recife*. Recife: Ed. do Autor, 2009.
- MENEZES NETO, Hugo. Música e festa na perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife. *Revista Antropológicas*, Recife, n. 26, ano 1, p.103-133, 2015.
- REZENDE, Claudia Barcelos; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.13, v. 13, p. 155-161, 2005.
- STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- SCHEFF, Thomas. *A vergonha no self e na sociedade: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff*. Recife: Bagaço, 2016.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2016.
- TORNQUIST, Carmen Susana. Vicissitudes da subjetividade: auto-controle, auto-exorcismo e liminaridade na antropologia dos movimentos sociais. In: *Entre saias justas e jogos de cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente*. Porto Alegre, 2006. Disponível em <www.passeidireto.com/arquivo/6017412/entre-saias-justas-e-jogos-de-cintura> Acesso em 13 de nov. 2019.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. *Quadrilhas juninas em Goiânia*: novos sentidos e significados. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/Escola de Música e Artes Cênicas, 2014.

Resumo

As discussões desenvolvidas no presente artigo são desdobramentos de uma pesquisa em andamento sobre quadrilhas juninas no interior do Ceará. O chamado “movimento junino” institui um espaço simbólico permeado por sentimentos, que vão desde a rivalidade, passando pelo pertencimento, até àquilo que muitos classificam como “amor pelo São João”. Nesse contexto, um mosaico de emoções aparece como combustível desse universo, misturando-se com práticas e concepções que ajudam a instituir uma espécie de “ideal identitário”, que aqui chamo de “ser quadrilheiro”. O texto é resultado de uma perspectiva metodológica de cunho etnográfico, que se vale de uma relação de proximidade entre pesquisador e o campo investigado, privilegiando uma interação baseada em afecções resultantes da experiência vivida no contexto estudado, tendo como ponto de referência o conteúdo emocional expresso pelos indivíduos que integram o universo social pesquisado. Levando em conta esse aspecto, este trabalho lança um olhar sobre as quadrilhas juninas enfocando os sentimentos suscitados, bem como os significados mobilizados nos processos sociais vivenciados pelos indivíduos que produzem essa manifestação.

Palavras-chave: Quadrilha Junina, Subjetividade, Sentimento, Emoções.

Abstract

The discussions developed in this paper are the result of an ongoing research on feast of Saint John with square dance in the state of Ceara, Brazil. The so-called “June fest” establishes a symbolic space permeated by feelings, ranging from rivalry, to belonging, to what many classify as “love for square dance”. In this context, a mosaic of emotions appears as fuel for this universe, mixing with practices and conceptions that help to institute a kind of “identity ideal”, which here I call “being a quadrilheiro”. The text is the result of a methodological perspective of an ethnographic nature, which makes use of a close relationship between the researcher and the investigated field, privileging an interaction based on the affections resulting from the experience lived in the studied context, having as a reference point the emotional content expressed by the individuals that integrate the social universe under study. Taking this aspect into account, this work takes a look at the June fest focusing on the feelings raised, as well as the meanings mobilized in the social processes experienced by the individuals who produce this manifestation.

Keywords: Square dance, Subjectivity, Feeling, Emotions.

Recebido para publicação em 17/01/2021

Aceito em 31/01/2022

 **ACESSO ABERTO**

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

